

A identidade como tema fraturante para os protagonistas de *Lenora e Ian: a música das esferas*

RESUMO

Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado de título *Protagonistas de narrativas juvenis contemporâneas: de mãos dadas com o jovem leitor* (2020).¹ A reflexão sobre a representação da identidade na literatura juvenil de autoria feminina levanta questionamentos acerca da tessitura dos próprios elementos que a constituem. Os livros que compõem o *corpus* desta pesquisa são de autoria da premiada escritora Heloisa Prieto, *Lenora* (2008) e *Ian – a música das esferas* (2015), publicados pela Rocco – jovens leitores, na série “Para morrer de medo”. Nas narrativas, a escritora tematiza o poder sobrenatural da música, sua influência e o elo que une as vidas das duas protagonistas homônimas, bem como a do protagonista do segundo livro, Ian. Justifica-se a escolha dos livros por constituírem uma série ainda não contemplada em conjunto por teses ou dissertações. Ambas as obras são romances juvenis de tom sombrio, em que há uma evidente busca pela afirmação / construção da identidade. Dentre os resultados finais, verifica-se o diálogo com o potencial jovem leitor na medida em que se aborda identidade e superação de forma concernente ao psiquismo do público-alvo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura juvenil. Identidade. Protagonistas. Heloisa Prieto. Jovens leitores.

Dayse Rodrigues dos Santos

davse.rodrigues@ifpa.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. Santarém, Pará, Brasil.

Silvana Augusta Barbosa Carrijo

silvana_carrijo@ufg.br

Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão, Catalão, Goiás, Brasil.

INTRODUÇÃO

Estudar uma obra literária juvenil implica, sobretudo, averiguar como a dimensão humana e estética se comunica e pode imergir no imaginário do leitor. Zaíra Turchi (2002, p. 23) afirma que “considerar o livro infantil e juvenil um objeto estético é reconhecer-lhe a condição de literatura e não de livro paradidático e, entendendo-o como arte, avaliar sua capacidade de constituir um espaço textual plurissignificativo do homem diante do mundo”. É um desvelar sócio-histórico e psíquico proposto pela literatura que permite a reelaboração de todo um imaginário.

A literatura juvenil é arte e também conhecimento, pois os dois fornecem para os jovens maneiras e estímulos condizentes com o nível do leitor. Além disso, ela explora o cognitivo, a fantasia e a imaginação, bem como a curiosidade epistêmica. Nesse sentido, a literatura de boa qualidade agrega o agradável ao cognitivo de uma forma leve e bem articulada. Essa consciência crítica propõe que os protótipos sejam distinguidos dos estereótipos, dando evidência ao pensar em detrimento das previsíveis e recorrentes narrativas. Ao “conseguir estabelecer com o leitor um fluxo recíproco de troca de energias que possibilite a expansão do imaginário, evitando o pedagogismo e o condicionamento das imagens” (TURCHI, 2002, p. 40), contrariam-se tendências mercadológicas, que repetem as fórmulas que deram certo sem preocupação com conexões entre os diversos conhecimentos humanos.

Guacira Louro (1997) afirma que discussões sobre o eu, enquanto sujeito psicossocial, envolvem as relações de poder que se constroem e se pretendem fixar, incluindo quem é considerado diferente e o que é ser diferente. Toda essa discussão chega aos textos literários juvenis contemporâneos, sob uma perspectiva da visão adulta, mas adaptada ao público infantojuvenil. Não são os jovens, em grande parte, que escrevem narrativas para seus coetâneos.

Para o estudo verticalizado das narrativas que compõem o *corpus* da presente pesquisa, objetiva-se analisar a representação literária da identidade dos protagonistas em *Lenora* (2008) e *Ian: a música das esferas* (2015), ambas de autoria da premiada escritora Heloisa Prieto, a fim de evidenciar a relevância do gênero e a relação com o jovem leitor. Como objetivos específicos, pretendeu-se examinar o conceito de literatura juvenil para compreender suas especificidades; descrever o perfil identitário dos protagonistas a fim de entender a representação da juventude nessas obras e sua possível relação com público leitor. Objetivou-se, também, entender que, por se sentirem fragmentados, os protagonistas partem em busca da construção de suas identidades e veem na música o objeto de desejo, e no mar, como elemento primordial, um caminho para satisfazer esse anseio de compreender-se.

1. NA COMPANHIA DE LENORA E IAN

Lenora (2008) retrata dois espaços temporais, 1970 e 2006; nesta narrativa há interposição de 19 capítulos, aparentemente independentes, mas que no final das 110 páginas são conectados. No intuito de tornar a sinopse do romance mais objetiva, o período de 1970 será relatado sem interposição do período de 2006 e, vice-versa. A época dos anos 1970, escrito na estrutura textual de diário pessoal, em que o personagem Duda narra suas memórias em primeira pessoa, compreende cerca de 70% do total da obra. O ano de 2006 conta com narrador

onisciente e intruso, uma vez que tece considerações a respeito dos fatos e personagens para além do conhecimento total do andamento da narrativa.

Os quatro capítulos iniciais já antecipam o que vai acontecer ao longo do enredo, assim como um riff de guitarra, em que há uma progressão de acordes que são repetidos no contexto de uma música, conforme Monique Brandão (2018). Os amigos Duda, Ian Yates e Peninha se reúnem numa casa na praia do Rio Vermelho, em Santa Catarina, para celebrar o *réveillon* de 1970 com muita música e planos para o futuro. Ian, o jovem irlandês, vai entoando seus desejos e premonições ao tocar canções medievais, assustando o amigo Duda. Um grupo de jovens, entre eles a extasiante Lenora, entra no ambiente e participa da cerimônia. Subitamente, os três amigos se apaixonam pela moça, dadas suas incomparáveis beleza e leveza, mas ela deixa bem claro seu interesse pelo irlandês.

Certo dia, ao ouvir a música incrivelmente diferenciada de Lenora, Ian e Duda, Peninha – homônimo do produtor musical brasileiro bastante conhecido, sugere a formação da banda que viria a ser uma das mais importantes da história da música nacional: a Triaprime. Ainda que incrédulos, considerando o perfil sonhador do proponente, os três aceitam a ideia e embarcam numa empreitada que mudaria completamente suas vidas. Como que num passe de mágica, a música fez emergir um talento que impressionava até mesmo os componentes da banda. Ao ouvir Lenora cantar sua composição, Duda percebe-se irremediavelmente apaixonado, mas ao notar ódio e ciúme nos olhos de Ian, conforma-se com o amor platônico, ao passo que Peninha toma outros rumos na narrativa.

O capítulo seguinte traz o relato autobiográfico sobre as consequências nefastas que os grandes sucessos da Triaprime trouxeram para o personagem Duda. Ele cita expressões como “a fama é o lugar do vazio” (PRIETO, 2008, p. 35), de David Bowie, para exemplificar quão sozinho ele se sente e o tamanho do vazio que esse sucesso enorme trouxe para a vida dele e os vestígios do que um dia já foi, mas atualmente não é mais. Este capítulo também é uma antecipação de que algo trágico aconteceria à banda e retoma que o desejo de Duda por fama, mulheres e sucesso. Firme na empreitada de derrubar o fantasma que a assombrou por toda a vida, Lenora S viaja com a mãe para Florianópolis na busca de respostas. O narrador usa a voz da mãe para falar do novo e esplêndido talento musical da garota, do cessar dos seus pesadelos e sonambulismo e da rápida superação do término do seu namoro. Elas ficam hospedadas na casa de Kami, uma antiga amiga da juventude de Tânia. Durante um almoço, a anfitriã revela que Duda está em Floripa, o que deixa Lenora S admirada e de esperanças renovadas.

O capítulo intitulado “Transmutação” integra as duas histórias. Trinta e quatro anos depois do trágico episódio, Duda retorna ao local e encontra uma jovem encantadora cantando e tocando na mesma praia catarinense. No capítulo final, Lenora S reconhece o ícone do rock e canta com toda a paixão possível. A voz era tão encantadora que o atraía em sua direção, mas ao se deitar na areia ao lado da moça, ele adormece. Ansiosa, mas muito certa do que queria, Lenora S o acorda e puxa assunto. Qual não foi a surpresa ao saber o nome dela: Lenora!

Ian: a música das esferas (2015) tem como foco narrativo a terceira pessoa, por meio de um narrador onisciente que manifesta suas considerações e deixa perguntas indiretas para o leitor. Os cinquenta curtos capítulos precedidos de vinhetas da simbologia celta proporcionam leitura rápida e dinâmica das 125 páginas bastante atraentes aos olhos de um jovem leitor. A interposição dos

capítulos diz respeito agora à ação de cada núcleo de personagens, dentro de um mesmo tempo cronológico, até o momento em que se encontram no capítulo “Diante do oceano”, já na metade do livro. As marcações temporais são os anos de 1970, 2006 e 2011 em Lenora, mas em Ian apenas o primeiro capítulo contém a data e o local, desfazendo o caráter de diário da obra precedente.

A obra inicia com Cian, um menino flautista muito talentoso nas praias de Santa Catarina, tocando maravilhosamente um hit da banda Triaprima e chamando a atenção de todos na praia. O fato desperta o interesse de uma mulher chamada Uxa, prima irlandesa de Ian, que vem ao Brasil juntamente com a neta Nina, na esperança de que o garoto possa ter alguma relação com o primo desaparecido.

Os dois capítulos seguintes trazem um diálogo em que é possível saber mais sobre a história da mãe de Lenora S, Tânia, no qual ela conta a Duda como conheceu o pai da moça, George. Ela revela para o ex-roqueiro sobre o histórico dos pesadelos da infância, sonambulismo e o medo que a filha tinha de que o destino trágico das Lenoras se repetisse. Eles também levantam a hipótese de o garoto prodígio ser filho de Ian. A conversa é encerrada quando Lenora S entra em cena com seu novo visual ruivo, sinalizando que estava pronta para a viagem a Santa Catarina. Durante o voo, Lenora S comenta amargamente com Duda sobre as semelhanças entre Livia e Majô. Próximo da aterrissagem, Duda relembra os momentos que antecederam o último show da banda ao visualizar as praias florianopolitanas.

Chegando ao destino, tanto Duda como sua pupila Lenora S são assombrados pelos próprios fantasmas: ele ainda não superou a morte da amada; ela ainda vê sua identidade associada à da outra. No quarto do hotel, Duda lê a notícia das mortes de Calímaco Santiago e Livia e o show da Lenora S no jornal impresso. Há uma enxurrada de informações ausentes no primeiro livro da série, mas presentes neste capítulo: Calímaco era médico e escritor; Livia virou dependente química e cantava numa banda chamada Ratos de Hamelin; o nome artístico de Duda é Duda de Rossi; e Lenora S não canta rock. A notícia trouxe muitas lembranças do tempo da Triaprima. Duda recebe uma mensagem de Ian: “- Marque o show para o próximo sábado. Praia de Moçambique. 18 horas. Mande montar o palco” (PRIETO, 2015, p. 94). Essa solicitação de adiamento do show de Lenora S serve para que Ian tenha tempo de trocar experiências artísticas e musicais e também para ambos terem a oportunidade de se reconciliarem consigo mesmos. Durante o retiro criativo, ela aprende o poder de se comunicar com a música, exorcizando o fantasma da outra e Ian finalmente atinge a melodia transcendental das esferas.

Cristal invoca as águas para afastar o perigo que as Dalias representavam à sua protegida, provocando um clima declaradamente sobrenatural e sombrio. Os demais personagens manifestam preocupações com o que poderia ser uma repetição da tragédia do passado, com exceção de Lenora S, que revela uma confiança jamais demonstrada. Mesmo com a série de provocações e tentativas de difamar Lenora S, o show da jovem acaba sendo um verdadeiro sucesso somado ao retorno de Ian aos palcos. Cian, Cristal, Duda e Ian se juntaram à Lenora S, selando o rito de passagem em comunhão. Ao final, Lenora decide continuar na carreira musical e os demais personagens principais partem para outras aventuras.

2. QUESTÕES DE IDENTIDADE

Essencialmente humano, o tema da identidade é recorrente em obras potencialmente voltadas ao público juvenil, uma vez que pode contribuir para que os horizontes se ampliem cada vez mais e possibilitem a eterna tentativa da compreensão de si e do mundo. Considerando o todo desta série de Heloisa Prieto, a história dura cerca de 40 anos, permitindo uma análise bastante profícua da representação identitária dos protagonistas, o que vem ao encontro da afirmação de Hall (2014, p. 41): “a identidade está profundamente envolvida no processo de representação”. Assim, a Lenora S muito jovem, no título homônimo, só consegue se desvencilhar da outra no segundo livro. Ian também é apresentado ainda jovem em Lenora (2008), mas já está na maturidade ao final da série.

Ambos estão cercados de mistérios e refletir sobre o modo que a identidade é representada também possibilita traçar algumas tendências da literatura juvenil. Embora não se possa compreender o estudo da identidade de modo definitivo e completo, é possível desenhar questões que provoquem reflexões nas quais seja possível percebê-las enquanto móvel, fragmentada e deslocada. Esse processo de fragmentação e reestruturação, segundo Hall (2014), produz o sujeito pós-moderno, que percebe que sua identidade está imbricada a tais mudanças sociais. Ele sabe que ela muda, dependendo da situação. Duda, que desejava inicialmente a fama e o sucesso como fim, acaba percebendo que isso não é o essencial e se adapta às novas concepções. Ele parafraseia David Bowie ao afirmar “A fama é lugar do vazio” (PRIETO, 2008, p. 35).

A personagem Lenora S, que, no primeiro livro, vive assustada com seus pesadelos e as estranhas coincidências com a cantora homônima, vê no músico Duda uma oportunidade de trilhar o caminho da autodescoberta. Já no final da obra, no trecho que narra o encontro da moça com o ex-integrante da Triapríma, ela, subitamente, simpatiza com a figura dele: “Porque se a primeira Lenora gostara tanto de Duda, na certa ela também adoraria conhecê-lo. Pela primeira vez, Lenora reconciliou-se com seu nome” (PRIETO, 2008, p. 106). Este excerto também sintetiza o trajeto que se estende até meados da segunda obra: a busca da identidade que se iniciou na adolescência, mas que só é satisfeita vários anos mais tarde.

Da mesma forma que a sociedade não é um todo centralizado e delimitado, o sujeito também não o é. Ambos são caracterizados pela diferença, uma vez que “a estrutura da identidade permanece aberta” (HALL, 2014, p. 14). As identidades são deslocadas, porque desestruturam as formas engessadas do passado, abrindo novas possibilidades, caracterizadas pela descontinuidade, ruptura, fragmentação e deslocamento. Tanto é que a própria Lenora S se questiona “Onde a fronteira de sua identidade estava marcada?” (PRIETO, 2015, p. 67) no ápice da sua crise identitária. Sobre esse tema, Ceccantini (2000, p. 356) disserta que há predominância de narrativas juvenis que se desenrolam “em função da crise de identidade, dos medos, da imaturidade, vividos por um dado protagonista, de tal modo que o principal adversário que ele tem de enfrentar para a superação do conflito é ele mesmo”. Existe um jogo das identidades, por meio de do qual os grupos se identificam.

Neste caso, estão todos no meio musical. Muitas vezes, elas são contraditórias e estão num mesmo indivíduo. As diferenças são internas e externas e não há uma que seja superior às outras. As interpelações e representações contribuem com as

mudanças sociais e individuais. O sujeito tem uma crise de identidade cada vez que percebe o deslocamento social. A percepção da sociedade faz o sujeito se perguntar sobre quem ele é. O sujeito racional não é fixo e estável. São recorrentes as contradições e as confusões, pois o jovem se volta ao seu interior como fuga. O que está fora pode fazê-lo se desenvolver ou impedi-lo, assemelhando a um momento de crise. A identidade perpassa pela classe social, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade:

Cada movimento apelava para a identidade social de seus sustentadores. Assim, o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas, e assim por diante. Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a política de identidade – uma identidade para cada movimento. (HALL, 2014, p. 27)

O autor supracitado ainda concebe que a globalização deslocou a noção de identidade cultural nacional e que ela está relacionada ao lugar de origem. É por isso que o desejo de fazer um Woodstock brasileiro, justamente na mesma praia onde a banda começou, era tão significativo para os integrantes da Triaprima. As praias catarinenses carregam a amálgama da antítese vital do grupo musical da obra. Falando nesse famoso festival, pode-se concordar, ainda, que “globalização, em suas formas mais recentes, tem um efeito sobre as identidades, pensaremos esse efeito em termos de novos modos de articulação dos aspectos particulares e universais da identidade ou de novas formas de negociação da tensão entre os dois” (HALL, 2014, p. 44).

Com intenção de complementar a visão halliana do homem fragmentado, descontínuo e deslocado, a noção de modernidade líquida de Bauman (2007) será adotada. No livro *Tempos líquidos* (2007), ele disserta que as relações sociais são cada vez mais frágeis e movediças, deixando lá atrás a solidez da repetição de rotinas e comportamentos de outrora. Ele atribui essa transição à “retração ou redução gradual, embora consistente, da segurança comunal, endossada pelo Estado, contra o fracasso e o infortúnio individuais [que] retira da ação coletiva grande parte da atração que esta exercia no passado e solapa os alicerces da solidariedade social” (BAUMAN, 2007, p. 08). Nesse sentido, o próprio planejamento de ações a longo prazo tenderia a ser cada vez menos frequente.

Se pensarmos a própria duração da banda Triaprima, criada em 1970 e desfeita em 1972, percebemos um episódio de curto prazo. A banda foi obrigada a se desfazer dado o infortúnio da morte da vocalista Lenora, mesmo já tendo pistas do término devido a outras razões. O uso das reticências no final da fala do empresário do grupo “- Para finalizar o show, vocês anunciam o final da banda e cantam juntos os hits da Triaprima pela última vez. Será inesquecível, eu garanto...” (PRIETO, 2008, p. 83) indica a suspensão da ação. O leitor já tem elementos suficientes para antecipar que realmente a banda vai acabar, mas o uso dessa pontuação cria uma instabilidade na expectativa, bem característico da liquidez baumaniana. É uma:

[...] série de projetos e episódios de curto prazo que são, em princípio, infinitos e não combinam com os tipos de sequências aos quais conceitos como ‘desenvolvimento’, ‘maturação’, ‘carreira’ ou

'progresso' (todos sugerindo uma ordem de sucessão pré-ordenada) poderiam ser significativamente aplicados. (BAUMAN, 2007, p.9)

É hora de indagar de que forma essas mudanças aguerridas e recorrentes podem afetar as personagens. Principalmente a jovem Lenora S, que toma o maior gole de água salgada no intuito de saciar a sede da busca da identidade. Mesmo fatores imponentes, como medo e insegurança, características básicas dos tempos líquidos, não a impedem de mergulhar no mar do próprio eu. Ela não teme a própria desordem interna e o medo existencial que costumam assolar boa parte dos indivíduos em algum momento de suas vidas. Bauman (2007) ainda afirma que a vida líquida é irregular e inconstante, elencando explicações dos mais diversos contextos.

O lugar, dentro de uma obra literária, pode caracterizar a identidade, e Lenora S sabe disso. Tanto que parte de São Paulo em direção a Florianópolis em busca de respostas e resgate do que julga também ser sua história. É irônico dizer que ou se surfa a onda ou se afunda nela, considerando que a moça tem contumazes pesadelos com o mar. Bauman (2007, p. 100) ainda considera que "incerteza significa medo" (BAUMAN, 2007, p. 100), é bem nesses momentos que se costuma titubear diante dos problemas. Lenora, em seu primeiro encontro com Duda, canta o hit homônimo na expectativa de que Duda a notasse, porém ele adormece. Ela pensa aflita "E agora? Canto tudo de novo?" (PRIETO, 2008, p. 107), mas se enche de coragem e conversa com o ídolo, passo dado em direção às respostas que tanto procura:

Nas narrativas associadas ao modelo emancipatório, as personagens com frequência se libertam do restrito espaço familiar e, numa postura permanentemente inquiridora, buscam experimentar novos contextos. Se retornam ao lugar de origem, isto não significa o reconhecimento da superioridade daquele; ao voltar para casa, as personagens demonstram aprendizagem e crescimento em termos de conhecimento da realidade. A reversibilidade do sistema é também outro traço marcante desse tipo de obra, em que vigora permanente discussão de valores, nunca mostrando a realidade de forma acabada mas sempre dinâmica e em constante transformação. (CECCANTINI, 2000, p. 372)

Como foi citado anteriormente, o percurso de saída de sua cidade tanto com destino a Ubatuba – com Dinho, o primeiro namorado -, como a Floripa representa o enfrentamento do mistério de si. Se nada abala, dificilmente a pessoa irá se preocupar com a identidade, situação oposta à da moça:

Tornamo-nos conscientes de que o 'pertencimento' e a 'identidade' não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para 'pertencimento' quanto para a 'identidade'. (BAUMAN, 2005, p. 17).

A crise de identidade está muito associada a problemas, caso de Ian, que depois da morte da primeira Lenora, decide se exilar e toma as providências necessárias no intuito de promover seu 'sumiço'. Nesse sentido, como ele próprio

estabeleceu seu ‘desaparecimento’, precisou da ajuda de Cristal, a mãe de seu filho, Cian. Sabendo que a identidade não é pré-definida, mas algo inventado, precisa-se fazer um esforço interminável ao vivê-la, ainda que, no caso dos protagonistas. Pode soar ambíguo o ato de esconder-se na intenção de revelar-se, mas foi dessa maneira que Ian optou por permanecer até o grande show da jovem discípula.

Bauman (2005) acredita que o pensar na identidade está associado a momentos desestruturantes, muito embora momentos de felicidade também possam propiciar reflexões dessa natureza. Para o sociólogo, “a ideia de ‘identidade’ nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’ (BAUMAN, 2005, p. 26). Obviamente, as pessoas do tempo líquido são diferentes, constroem-se e reconstróem-se no eterno movimento descontínuo entre altos e baixos. Dessa forma, percebem-se duas versões do mesmo Ian jovem: enquanto namorado da Lenora, retratado apenas pelo seu lado artístico; e enquanto amante de Lívia, o lado obscuro se sobressai, surpreendendo os demais personagens.

A reclusão de Ian, de cerca de quarenta anos, em que só se conhece os acontecimentos através de outros personagens, remete à própria história da figura bíblica Jesus Cristo, do qual pouco se sabe dos 12 aos 33 anos de idade – antecipando o terceiro capítulo desta pesquisa. “Seus assessores jurídicos cuidavam para que os direitos chegassem até ele sem que seu endereço ou identidade fossem oficialmente revelados” (PRIETO, 2015, p. 83). Ele queria os louros da vitória, mas não continuar na batalha. Assim, é possível pensar que a ambivalência também é uma característica essencial da identidade pós-moderna, conforme afirma Bauman (2005, p. 82), “a “identidade” é uma ideia inescapavelmente ambígua, uma faca de dois gumes”.

Em outros tempos a identidade da pessoa estava ligada ao seu papel social, ou seja, ao exercício de sua profissão. Com a vida líquida, o indivíduo teve que (re) construir sua identidade. Não mais como antes, onde lugar e o estrato em que nascera já pré-determinara. Essa construção é um ato de liberdade: “Para ousar e assumir riscos, ter a coragem exigida pelo ato de fazer escolhas, essa tripla confiança (em si mesmo, nos outros, na sociedade) é necessária. É preciso acreditar que é adequado confiar em escolhas feitas socialmente e que o futuro parece certo (BAUMAN, 2005, p. 56-57), embora não haja qualquer garantia. O sociólogo ainda complementa que:

O deslocamento das responsabilidades de escolha para os ombros do indivíduo, a destruição dos sinalizadores e a remoção dos marcos históricos, rematadas pela crescente indiferença dos poderes superiores em relação à natureza das escolhas feitas e à sua viabilidade, foram duas tendências presentes desde o início no “desafio da auto-identificação.” (BAUMAN, 2005, p. 57)

O ajuste de elementos que formam a identidade é um processo contínuo e infinito, em que o objetivo é justamente não chegar a um ponto definitivo. As promessas de durabilidade se esvaem no aparecimento das novidades. É tão dolorosa a inflexibilidade quanto o contrário extremado. Retomando um episódio da juventude do protagonista Ian, o relacionamento com Lívia mudou os rumos da história do músico. O próprio Duda diz não reconhecer o amigo. As relações interpessoais são ambíguas, pois queremos e não queremos ao mesmo tempo.

Segundo Bauman (2005, p. 69), “estamos inseguros quanto a como construir os relacionamentos que desejamos. Pior ainda, não estamos seguros quanto ao tipo de relacionamentos que desejamos”. Nesse sentido, até o amor pode ser paradoxal:

Começamos guiados por uma esperança de solução – apenas para encontrarmos novos problemas. Buscamos o amor para encontrarmos auxílio, confiança, segurança, mas os labores do amor, infinitamente longos, talvez intermináveis, geram os seus próprios confrontos, as suas próprias incertezas e inseguranças. No amor, há ajustes imediatos, soluções eternas, garantia de satisfação plena e vitalícia, ou de devolução do dinheiro no caso de pela satisfação não ser instantânea e genuína. (BAUMAN, 2005, p. 70)

Ian amou Lenora e Lívia de forma consumista, uma vez que enquanto eram úteis, ambas ficaram por perto. Ele as descartou quando não apresentavam motivos suficientes para permanecer. Bauman (2005) afirma que os seres e objetos estão aqui com objetivo de saciar o desejo, se não o fizerem, não tem por que ficarem. Há a vontade de entrar, mas também de poder sair. Foi assim que Ian substituiu o romance com Lenora por Lívia. No palco, ele declara “Eu compus essa canção de poder, inspirado por minha verdadeira musa, Lívia, estreando aqui com vocês...” (PRIETO, 2008, p. 75). A descartabilidade é um empecilho ao próprio amor. Por que fazer um esforço de longo prazo, se, a qualquer momento, isso pode acabar? Para Bauman (2005, p. 76) “substituímos os poucos relacionamentos profundos por uma profusão de contatos pouco consistentes e superficiais.

Sabe-se que realmente Ian amava Lenora, não havendo evidência de que o rapaz amou Lívia. O que há é a fugacidade de uma paixão que atende a desejos imediatos. Num depoimento de Calímaco, médico e escritor próximo da banda, o leitor descobre que ele apresentou a moça a Ian na intenção de destruir o relacionamento anterior. É com ela que ele cria sua tão sonhada música de poder “Ratos de Hamelin”. Essa relação passageira permite pensar que a dualidade identitária do músico - com Lenora, ele era Orfeu; com Lívia, a “quintessência da malignidade” (PRIETO, 2008, p. 81) - seja talvez um grande símbolo da fragmentação do sujeito, asseverada por Hall (2014). Ian tem atitudes oblíquas, e ainda assim é venerado pelos demais personagens. Até o próprio leitor pode ter sentimentos bastante controversos enquanto aprecia a narrativa.

Embora não seja possível alcançar um ponto definitivo para o que se entende por identidade, os conceitos de Hall (2014) sobre o sujeito pós-moderno e Bauman (2005 e 2007) sobre a liquidez das relações consigo e com outrem permitiram fazer leitura mais profícua do objeto dessa pesquisa. Nesse sentido, vale retomar e ratificar que o fato de ser criada potencialmente para os jovens não impede a obra de tocar em assuntos de tamanha complexidade. É, antes de tudo, respeitar a inteligência leitora sem tentar ensinar lições. Bordini e Aguiar, em 1988, já defendiam que “a linguagem literária extrai dos processos histórico-político-sociais nela representados uma visão típica da existência humana. O que importa não é apenas o fato sobre o qual se escreve, mas as formas de o homem pensar e sentir esse fato” (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 13) tendo por objeto o subgênero infantojuvenil.

Pensando o estatuto da literatura juvenil, pode-se observar que a autora foi feliz ao abordar a busca e a construção da identidade nessa série. A jovem Lenora

S começa a busca no primeiro livro e chega ao ápice no segundo; ao passo que Ian desliza e se descobre já na maturidade. Conforme Bauman (2005, p. 83), “a identidade – sejamos claros sobre isso – é um “conceito altamente contestado”. Sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade”. Apesar de que essa ação seja uma experimentação interminável na vida real, o tema deve soar natural ao imaginário do público leitor.

À GUIA DE CONCLUSÃO

No primeiro livro da série, *Lenora* (2008), é possível conhecer a história de uma das personagens (homônima), que intitula a obra, via da ótica do personagem Duda, um dos fundadores da banda Triaprima. A musa do rapaz, também integrante do grupo musical, era uma jovem ruiva de longos cabelos crespos. Para ele, “era como se aquele corpo produzisse sons, como se uma canção se escondesse entre os fios de cabelos cor de cobre” (PRIETO, 2008, p. 27) e, não muito tempo depois, ele se dá conta da paixão que o invade: “fitei os olhos escuros de Lenora e percebi que ficara irremediavelmente apaixonado” (PRIETO, 2008, p. 34), vindo a formar o triângulo amoroso entre Ian, Lenora e Duda. A outra, Lenora de Sousandrade, é a jovem que busca sua identidade, que Duda encontra, em 2006, na mesma praia que ceifou sua amada em 1972.

Dada a densidade da obra, indicar apenas uma temática como principal torna-se demasiadamente perigoso. No entanto, parte-se do princípio de que a jovem Lenora S busca conhecer e firmar uma identidade que seja apenas sua. Ian faz o caminho reverso, uma vez que opta por viver em meio ao mistério. Os temas complementares são muitos, tais como o relacionamento dos jovens com a música, o sobrenatural, a superação de conflitos, entre outros que, inclusive, podem ser confirmados ou rechaçados por qualquer leitor. Resta pensar em que medida a busca da identidade está ligada à história que se deseja contar e quais são os recursos literários utilizados para atingir tal finalidade.

O tom de suspense utilizado pelos narradores e personagens do *corpus* ao se referirem ao perfil misterioso revela um protagonista sinistro. Percebe-se todo um caminho inverso, porque ao tentar se esconder é que ele se encontra, sempre cercado de simbologias e envolto no mar musical. É esse sujeito que se conhece fragmentado, que se dá uma segunda chance com a jovem Lenora S para (re) encontrar o equilíbrio entre seu passado, presente e futuro como complementa a vinheta de um símbolo celta - com esse significado - no capítulo “Linhas tortas”.

Identity as a fracturing theme to the protagonists of *Lenora and Ian: a música das esferas*

ABSTRACT

This text is a Protagonistas de narrativas juvenis contemporâneas: de mãos dadas com o jovem leitor (2020) dissertation part. The reflection on the representation of identity in the feminine authored youth literature raises questions about the elements that constitute it, including the situations that may bother the reader. The books that make up the corpus of this research are authored by the award-winning writer Heloisa Prieto, *Lenora* (2008) and *Ian – a música das esferas* (2015), published by Rocco - Young Readers, in the series “To Die in Fear”. In these narratives, she thematizes the supernatural power of music, its influence, and the bond that unites the lives of the two homonymous characters, as well as that of the protagonist of the second book. The choice of these books is justified because they constitute a series not yet analyzed together, both shadowy youth novels of female authorship, in which there is an evident search for identity. Among the final results, there is a dialogue with the potential young reader as it addresses identity and overcoming in a respectful way to the target audience's psyche.

KEYWORDS: Youth literature. Identity. Protagonists. Heloisa Prieto. Young readers.

NOTAS

¹ As análises aqui apresentadas, de forma parcialmente modificadas, encontram uma primeira versão na Dissertação de Mestrado intitulada *Protagonistas de narrativas juvenis contemporâneas: de mãos dadas com o jovem leitor*, defendida em 2020 na UFG-RC.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Tempos líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BRANDÃO, Monique. **Aprendendo progressões de acordes**: como arranjar os acordes na sua composição. Disponível em <https://blog.landr.com/pt-br/progressoes-de-acordes/>. Acesso em 22 mar. 2021.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CECCANTINI, João Luís Cardoso Tápias. **Uma estética da formação**: vinte anos de Literatura juvenil brasileira premiada (1978-1997). 459 p. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro-RJ: Lamparina, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Vozes, 1997.

PRIETO, Heloísa. **Lenora**. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2008.

_____. **Ian**: a Música das esferas. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2015.

SANTOS, Dayse Rodrigues dos. **Protagonistas de narrativas juvenis contemporâneas**: de mãos dadas com o jovem leitor. 2020. 84 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2020.

TURCHI, Maria Zaira. O estatuto da arte na literatura infantil e juvenil. *In*: TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann (orgs.) **Literatura infanto-juvenil**: leituras críticas. Goiânia: Ed da UFG, 2002. p. 23-31.

Recebido: 31 jan. 2021

Aprovado: 14 mar. 2021

DOI: 10.3895/rl.v23n40.13788

Como citar: SANTOS, Dayse Rodrigues dos; CARRIJO, Silvana Augusta Barbosa. A identidade como tema fraturante para os protagonistas de Lenora e Ian: a música das esferas. *R. Letras*, Curitiba, v. 23, n. 40 p. 17-30, mar. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autorial: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

